

Da escrita à palavra

From writing to the word

MANUEL RUI*

RESUMO: SALVADOR DA BAHIA DA FALA À ESCRITA OU DA ESCRITA À FALA, NA MEMÓRIA PERDIDA DA ÁFRICA, DA NAU E DA AVÓ, REINVENTADA NA VIAGEM DA PALAVRA.

ABSTRACT: SALVADOR DA BAHIA SPEAKS TO WRITING OR ABOUT WRITING IN THE LOST MEMORY OF AFRICA, THE SHIP AND THE GRANDMOTHER, REINVENTED IN THE VOYAGE OF THE WORD.

PALAVRAS-CHAVE: ÁFRICA; ANGOLA; SALVADOR DA BAHIA; MEMÓRIA; ORATURA; LITERATURA.
KEYWORDS: AFRICA; ANGOLA; SALVADOR DA BAHIA; MEMORY; ORATURE; LITERATURE.

* Escritor angolano. União dos Escritores Angolanos, Luanda, Província de Luanda, Angola. E-mail: mr@manuelrui.com.

e Salvador viesse na Bíblia tinha que ser no Gênesis, porque no princípio Deus já encontrou Salvador. Havia ordem e vida, a luz do sol cobria o mar e Iemanjá se movia por cima das águas.

Ontem, andando pelo Largo do Pelourinho, eu estava a dizer isto ao meu imaginário em conversa com um garoto que nunca tinha andado de barco. Depois, numa esquina de pálpebra apareceu um policial negro, para qualquer um deles, o garoto ou o policial, eu poderia invocar ancestralidade comigo, preferi o parentesco com o garoto, por uma razão principal, o imaginário. Então tudo ia na busca da memória perdida mas inventada, por ela só poder existir, transitar e convergir na palavra. Ainda eu começava esse exercício, o garoto deu em disparar perguntas. A que mais me impressionou consistia em ele querer saber se era verdade ou mentira que ocorrera genocídio idiomático ou um holocausto linguístico no tempo em que seus antepassados haviam feito viagem no porão das naus e se o genocídio ocorrera no mar ou em terra, aqui.

Para além do nosso parentesco, expliquei-lhe que o outro que chegou nas naus é o mesmo que também chegara ao outro lado do mar e por ter agarrado minha avó, ainda menina, no norte de Angola, ela só não veio para aqui por mor de sua beleza ter encantado o outro que a levou consigo até ao Sul de Angola, viagem longa de sete anos, aí, com os seios de minha avó a despontarem, o português, que viria a ser meu avô, fez um filho nela não com ela. Por isso e por outras coisas, ela não veio nos porões.

O garoto era deveras inteligente e eu pasmei quando ele, de braços no ar, fitinhas de Nossa Senhora do Bonfim apertadas em cada mão, como um arco-íris puxado do horizonte, quando ele o garoto, gritou que a nossa existência, não a minha ou a dele mas a nossa, se devia à palavra que tinha sido do outro e agora era nossa. Sim, eu respondi, perplexo.

Porque, ou a palavra é o princípio e negação da eternidade ou o eterno só terá começado – sem ter sido concluído – com a palavra. A cosmogonia dos gestos, dos sons, dos símbolos – da palavra, como elemento da criatividade mais inicial, a palavra como princípio de se conhecer a existência. Como princípio de todos os princípios e descoberta da vida pelo conhecimento da morte.

Falar é sermos nós com os outros para se perceber o singular e entender-se também a si. É comunicar com sons convencionados por regras.

Quando já se inventa a escrita e se aprende a ler, toda a comunicação oral, de voz e som, o que nela se contém, parece reduzir-se ao silêncio dos símbo-

los e à possibilidade de o sujeito receptor das mensagens escritas, dispensar a voz do outro ou dos outros, silenciadas pelos signos que dispensam sequer quase pensar os sons.

Estamos a falar de uma tão somente mensagem escrita, com o objectivo de comunicar, o que significa escrever como utilização para um determinado fim, chegada da mensagem ao destinatário.

Agora, o que nos trouxe aqui a este quê de poemas, prosa e estórias parece que é a outra escrita, aquela do escritor. A laboração sobre a utilização. A escrita não apenas a intermediar. De ferro-metal-matéria-funcionalidade passa a existir-se em prazer de se sentir e ser sentida ou, mais simplesmente, como um tocador, um músico, no quissanji ou na flauta. Ele exerce escrita sobre o próprio ser que é o quissanji ou a flauta. O tocador desadormece os sons. O quissanji ou a flauta deixam apenas a sua aparente estática finita de escala de sons. O tocador não recebe. O tocador tira sons. Inventa sons do som da flauta e, cada vez mais, percebe a infinitude do quissanji ou da flauta, que é a infinitude do imaginário do tocador sobre todas as infinitudes.

Assim, o escritor não tira só as palavras significadas, mas labora em cima do instrumento que é a linguagem. E o outro que vai ler onde o escritor se leu descobre a descoberta que está no texto. Aí, há uma solidão invadida. Ficcionamente invadida porque ninguém em solidão é sem os outros. Lê rodeado de cazumbis. Personagens, multidões de vozes e cores, umas e outras que se percebem até por omissão no texto, porque ficcionar também é este fingimento de faz de conta que não existe sem se imaginar o texto e sua leitura. E há uma solidão invadida com a força do silêncio dos signos, das palavras, das frases – que se podem reler, relendo falas e pensamentos, mais as cores, os odores, os ritmos, os sentimentos, podendo ser recebidos, na maneira como são no texto escrito, transformado e retransformado na solidão invadida pela escrita onde o silêncio se pode vestir de cumplicidade como se fosse música.

Mas antes foram as falas só faladas e as falas ficcionadas, falas de contar as estórias, de passar o testemunho de feitos antepassados em ficcionalidade. Tudo oral e ausente de escrita.

E uma língua chegada, língua trazida pelo invasor em seus achamentos. Depois a imposição dessa língua. E a apropriação com a agramaticidade do oprimido, dos falantes da desestruturação da gramática trazida e seus enunciados.

A escrita chega, abruptamente, confrontando a oralidade. Não uma caminhada histórica da oralidade à escrita com a primariedade dos primeiros textos escritos ainda reproduzindo ou prolongando os textos orais. Assim os primeiros textos escritos inscrevem-se na decorrência da chegada do outro. Parece até que um princípio assim implica a desmemorização como se a história só aí tivesse começado. Porém a história já acontecia antes e na fala das línguas encontradas pelo outro.

Escrita de lei nos seus princípios, não poderia resistir-se ao novo *locus* e às transgressões que alimentassem novidade. Aqui, como alguém escreveu, “nem sempre a palavra nova acaba sendo sempre a palavra nova, podendo significar uma mudança que não passa dum sentido já morto.”

Mas o novo sentido da língua de imposta a conquistada, quando se intenta a neologia como subversão, a mesma não tem o sentido da transgressão nativa do outro, realizada no terreno da língua, porque aqui a transgressão tem um sentido além a partir de uma natividade onde a língua adversa, imposta, depois de conquistada anda num vai-vem de alquimia, de ferreiro e caçador de sons, palavras frases que possam desconjuntar para serem linguagem inculcada pela novidade da transformação do falado e falando-se em outra língua, para muitos já materna e transposta para outro quadro de estrutura e sistema.

E a escrita, também apropriada em novidade mas como se refalando noutra língua segunda mas como principal e tantas vezes por desmemorização generacional da primeira. E os astros deste caos como um sentido de organização da infinitude. E organizar a infinitude é o encantamento febril do xinguiar a linguagem. Porque nunca se consegue acabar. Mas é mais de vida, melhor, porque desorganiza a finitude, plena de tristeza por se reconhecer só na morte da estrutura a fugir do fim e retomar princípio que é sempre a palavra.

Prosa. Estórias. Escritos. Ficção, narrativa e ficcionalidade. Vou ou não conseguir regressar à fala escrevendo? Vou ou não conseguir o fingimento e a ilusão? O texto como um Tchinganji de estiga. Podendo eu fugir do texto, imaginá-lo como existência dele, própria e entregá-lo (ou libertar-me dos espíritos?) para que outros o sintam como um fingimento aceite pelo prazer, o gozo de sentir a ficcionalidade e até simular uma luta contra o texto com um bocado de fogo sem Prometeu. Como nos textos ditos sagrados, plenos de ficção por serviço da palavra.

Se aquilo que se contava antigamente se contava noutras línguas originárias, não se saltou dessas línguas para a escrita e a escrita só começou com esta língua, posso ou não posso escrever como se estivesse a recuperar o gesto de contar oral? Da escrita à fala. Isto é, posso conseguir iludir de prazer o leitor de maneira que ele se instale na estrutura do meu texto com a sensação de que não está a ler mas alguém lhe está a contar uma estória?

No chegar do outro não se falava esta língua. A língua foi trazida. Daí a sua boa óbvia transgressão. O invadido sentiu a língua do outro como invasora. Mas transgredir é possuir a língua. Como mulher amada. Com e muito com ou sem e muito sem as regras de uma gramática que sempre se afigurou finita aos olhos do invadido sedento de norma, mas pelo lado interdito.

Só que nesta ludicidade da fala e da escrita ou da escrita e da fala, nesse desaperfeiçoamento aparente, vamos aperfeiçoando a vida da língua, das falas e das escritas. Também, quem é invadido para ser desaperfeiçoado tem o direito a se desinvadir para aperfeiçoar.

E isto dizendo que na hora em que desestabelecemos a língua, afinal, antes, parece, por ouvido de som e ritmo nas vozes, se antecipávamos no genoma, na clonagem, na globalização, tudo, precavidamente, na reinvenção da palavra escrita por regresso a falas novas que nunca teriam existido se outras também nunca tivessem sido transgredidas.

E o que é mentira? A verdade ou o sonho? E a espuma do mar? Já existia antes de existirem essas palavras? E essas palavras são mentira se for verdade ou só são uma verdade inteira se forem sonho?

O garoto do meu imaginário serviu-me de guia, eu simulei desconhecer o Pelourinho, apresentou-me um pintor a quem comprei telas. O pintor é que tomou a iniciativa de invocar o parentesco comigo e ainda fomos dar a uma ruela onde uma moça fazia música alternativa, lançava um câ-dê, tocava violão, cantava e o parceiro na bateria. Ao lado uma tabuleta: Escola de Capoeira Angola. Era muita coincidência. Comprei o câ-dê, copiei do meu bloco versos para uma canção e deixei para a moça com endereço e um beijo de Angola. Apanhei um táxi para o hotel com a promessa de passar lá pela noite.

Só à tarde, na abertura de um Congresso, verifiquei ter sido roubado. Há muito tempo que eu imaginava uma caravela de regresso. Com pessoas azuis, amarelas, verdes, vermelhas e às riscas. Não. Afinal não me tinham roubado a caravela de regresso. Era outra embarcação. Com velas de palavras e

mastros de amor que também é uma palavra. Sem porões. Parecida com os barcos de papel. Ontem à noite fui a correr, reencontrei-me com os parentes desta língua em que vos falo e que aprendi com livros, ardósia e lápis que transportava numa sacola de ganga que as nossas mães faziam de agulha e linha. As bolsas tinham um cheiro que só mais tarde eu identifiquei como o cheiro das letras das palavras escritas. Parecido com o cheiro das livrarias acrescentando aromas infantis de pão e doce de goiaba. Falei aos meus parentes no barco, nesse barco que está aqui em cima. Se eles queriam viajar nesta embarcação. O pintor ainda me falou no outro. Eu expliquei que outro era o das naus e que agora já não era, estava conosco, éramos todos nós pelas diferenças unidos pela língua de viagem num barco sem ré, só proa. E ele embarcaria conosco fazendo parte de nós. Aceitaram emocionados. O garoto amarrou-me uma fita no pulso. O pintor ofereceu-me uma tela com o casario do Pelourinho. De malas eu falei que não era preciso porque o barco era para encher de palavras e na maneira como já disse nesta fala eu falei: Ou a palavra é o princípio e negação da eternidade ou o eterno só terá começado – sem ter sido concluído – com a palavra. E, se tivesse sido concluído, também não existia mais o sentido da palavra. E se Salvador viesse na Bíblia tinha mesmo que ser no Gênesis.

Axé!

Autor convidado.